

Deslocamentos Transnacionais



LITERATURAS HISPÂNICAS NO CANADÁ

deslocamento cultural e processos literários

LITERATURAS HISPÂNICAS EN CANADÁ: DESPLAZAMIENTO CULTURAL Y PROCESOS LITERARIOS

*Elena Palmero González**

Universidade Federal do Rio de Janeiro / CNPq

RESUMO

Pensar uma historiografia literária a partir dos paradigmas de área cultural, formação cultural e intersistema literário, em substituição às tradicionais noções de território, nação e língua nacional, implica um desafio da maior envergadura, particularmente se consideramos a literatura produzida em um espaço complexo e multicultural como o das Américas. Quebrando as fronteiras tradicionalmente impostas entre nossas literaturas e propondo outros possíveis mapas para visualizar os processos literários na região, sistematizo algumas propostas metodológicas para o estudo das literaturas de língua espanhola que hoje se produzem em ambientes não hispânicos das Américas. Especificamente, interessou-me estudar a literatura hispano-canadense, um sistema literário que foi se configurando a partir dos processos migratórios que caracterizam nossa modernidade. As noções de translocalidade, extraterritorialidade, interliterariedade e o próprio deslocamento como metodologia de trabalho historiográfico são algumas das diretrizes que proponho para uma caracterização do sistema literário hispano-canadense, suas poéticas e sua história.

PALAVRAS-CHAVE

Deslocamento cultural, processos literários,
literatura hispano-canadense

Interessada em estudar textos e subsistemas literários que por razões diversas não se localizam nos eixos tradicionais de representação geopolítica e historiográfica, nascidos como consequência das diversas formas de mobilidade cultural que caracterizam a nossa contemporaneidade e que põem em crise os conceitos tradicionais de cultura, literatura e língua nacional – entendidas como unidades monolíticas e diretamente associadas às

* elenap@vetorial.net

noções de Estado e território nacional –, a pesquisa que venho desenvolvendo nos últimos anos está centrada no estudo das literaturas hispânicas que se produzem em ambientes literários americanos não hispânicos, com particular ênfase na literatura hispano-canadense.¹ Apresento, a seguir, algumas reflexões em torno do sistema literário hispano-canadense e coloco os principais problemas que esse sistema oferece hoje para crítica e a historiografia literária hispano-americanas.

Parto do princípio de que, para iniciar qualquer estudo de produções literárias em condições de deslocamento cultural, se faz necessária uma plataforma analítica que visualize a cultura nas dinâmicas da mobilidade e da descentralização, alheia a essencialismos identitários, a nacionalismos raquíticos e disposta a reconsiderar noções que dominaram o pensamento moderno, como exílio, diáspora ou migração, agora recolocadas no âmbito de uma cultura translocal e pós-moderna.

Na busca dessa plataforma teórica, James Clifford nos oferece uma ferramenta poderosa ao fazer do deslocamento um ponto de articulação de todo o seu pensamento sobre cultura. Em seus livros *Dilemas de la cultura* (1995) e *Itinerarios transculturales* (1999), Clifford visualiza a cultura como “uma forma perpetuamente deslocada (...), uma forma de residir e viajar ao mesmo tempo”.² Se tradicionalmente se concebe a residência como a base da vida coletiva e a viagem como seu suplemento, o antropólogo norte-americano subverte esse raciocínio e se pergunta se as práticas de deslocamento não poderiam aparecer como constitutivas de significados culturais, em vez de serem sua simples extensão ou transferência. Assim, submete a juízo o suposto de que preexista uma esfera local anterior ao deslocamento, pois, para ele, “os centros culturais, as regiões e territórios delimitados não são anteriores aos contatos, mas se consolidam por sua intermediação”.³ Nessa posição descentradora, alimenta a ideia de uma cultura “translocal” já não global nem universal – para dar conta das numerosas interseções que se produzem entre processos locais, regionais e globais em condições de ampla comunicação massiva e movimento humano, situando assim a cultura em uma vasta rede de relações transversais, complexas, móveis e multidirecionais.

Igualmente, o deslocamento articula uma noção de identidade na sua proposta. Para Clifford, estudar, hoje, identidades significa considerar que elas não pressupõem culturas ou tradições contínuas, pois por todas as partes os indivíduos improvisam realizações locais a partir de passados colecionados, recorrendo a meios, símbolos e linguagens estrangeiras, de maneira que vivemos uma existência entre fragmentos móveis. Seu estudo de identidades e formações comunitárias em deslocamento, entendidas como comunidades translocais, faz uma forte crítica das teleologias do retorno. Longe de qualquer absolutismo nacionalista ou binarismo excludente, seu discurso do deslocamento considera o proliferativo e fecundante de todo contato cultural,

¹ Desenvolvo atualmente um projeto beneficiado com bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq, cujo objetivo é estabelecer bases teórico-metodológicas para uma sistematização historiográfica desse corpus no processo da literatura hispano-americana contemporânea.

² CLIFFORD. *Dilemas de la Cultura*. Antropología, literatura y arte en la perspectiva posmoderna, p. 16.

³ CLIFFORD. *Dilemas de la cultura*. Antropología, literatura y arte en la perspectiva posmoderna, p. 14.

para afirmar que as identidades diaspóricas, fronteiriças e híbridas tendem a unir idiomas, tradições, imaginários sempre de maneira criativa, “articulando pátrias em combate, forças da memória, estilos de transgressão, em ambígua relação com as estruturas nacionais e transnacionais”.⁴

Apresentadas essas rápidas coordenadas em torno de uma ideia de cultura, permito-me estabelecer algumas considerações sobre a própria noção de deslocamento cultural, úteis para enfrentar um projeto historiográfico como o que me proponho. No verbete que preparei para o *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*, organizado por Zilá Bernd,⁵ tratei com rigor teórico o tema. Retomo desse trabalho as primeiras linhas, em que afirmo:

Pensar a noção de deslocamento no âmbito das ciências sociais e especificamente na órbita dos estudos da cultura significa remeter a diferentes formas de mobilidade, física, espiritual, linguística; a diversas práticas de emigração, exílio, diáspora, êxodos, nomadismos, circulações humanas; é pensar em traslado e em trânsitos de todo o tipo, em políticas do movimento e em economias da viagem. Entendido como vivência e prática dos sujeitos, o deslocamento é um conceito fundamental nos estudos sobre imaginário e memória cultural. Entendido como metodologia de trabalho, converte-se em paradigma fundamental para pensar processos culturais.⁶

Ou seja, uso o conceito em um sentido amplo, articulando com ele as variadas formas da mobilidade, como as diásporas, os exílios, as migrações, os intercâmbios de símbolos e valores que fluem nas redes sociais, nas comunidades virtuais, mas também, e talvez seja o mais importante, entendido como lócus de enunciação, como poética da escrita e como paradigma crítico e historiográfico para estudar as literaturas produzidas em condições de mobilidade cultural.

Cabe, igualmente, um rápido comentário em torno da ideia de processo literário e do entendimento dos processos literários nas Américas. Recupero, a princípio, a velha preocupação de Tynianov pela processualidade, a variabilidade e as noções de mudança e conflito dentro do marco literário; considero sua crítica a um conceito de evolução literária como processo linear, progressivo e sem contingências; e explicito minha filiação ao pensamento de Antonio Candido⁷ e de Cornejo Polar,⁸ quando assumem a visão de processo como única perspectiva possível para resgatar um trabalho crítico e historiográfico focalizado na mobilidade, na heterogeneidade dos repertórios, na conflituosidade e na interação cultural. É a perspectiva de Ana Pizarro,⁹ quando resgata, de maneira particular, esse tema do movimento da cultura latino-americana como processo de perfis irregulares, de tempos e espessuras heterogêneas, visualizando nossa literatura como um grande campo discursivo, no qual se cruzam obras, produtores literários, receptores e a própria língua em uma ampla rede de temporalidades.

⁴ CLIFFORD. *Dilemas de la cultura*. Antropología, literatura y arte en la perspectiva posmoderna, p. 21.

⁵ BERND. *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*.

⁶ BERND. *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*, p. 109.

⁷ CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*.

⁸ CORNEJO POLAR. *Antonio Sistemas y sujetos en la historia literaria latinoamericana*.

⁹ PIZARRO. *La literatura latinoamericana como proceso*.

Imersa nessa maneira de entender a cultura, os processos literários e os deslocamentos contemporâneos, me pergunto: o que ocorre quando a variável nacional, de longa tradição crítica em nossos estudos literários latino-americanos, se apresenta como uma variável em crise, atualmente afetada pelos movimentos migratórios, a comunicação virtual, o permanente trânsito de imagens e pela própria crise das noções de nação, Estado ou território nacional? Como estamos enfrentando o estudo das literaturas hispano-americanas que se produzem hoje em condições de ampla mobilidade cultural? Como as práticas de deslocamento podem incidir em nossa concepção de história da literatura?

Sem pretender respostas definitivas, articulo algumas reflexões em torno do sistema hispano-canadense. Nessa perspectiva singular, tento entender um sistema literário maior e mais complexo, o hispano-americano; entendê-lo em seus diálogos, em suas descontinuidades, em suas relações intersistêmicas; entendê-lo em suas dinâmicas contemporâneas do movimento e do intercâmbio simbólico.

A literatura hispano-canadense se articula com certa nitidez nos últimos 70 anos. Produzida por uma comunidade emigrada de origem hispânica no âmbito geográfico do Canadá, ela vem alcançando gradual visibilidade e legitimação institucional nas últimas décadas, sobretudo a partir da atenção que a crítica lhe começa a dar no próprio ambiente hispano-canadense e da sua presença nos meios acadêmicos canadenses e norte-americanos. Lamentavelmente, a crítica produzida nos ambientes hispânicos da América Latina não tem acompanhado com o mesmo interesse esse *corpus*, nem sequer aquela mais próxima da crítica cultural, preferencialmente interessada pelas literaturas de língua espanhola produzidas nos Estados Unidos.

Da mesma maneira, a sistematização desse *corpus*, por parte da historiografia literária latino-americana, se apresenta até hoje como um vazio. São suas parentas próximas, as literaturas hispânicas nos Estados Unidos, as que gozam de uma maior atenção. Somente como ilustração, pensemos nos projetos historiográficos mais sérios dos últimos anos, a história da literatura latino-americana de Roberto González Echevarría e Enrique Pupo-Walker, *The Cambridge History of Latin American Literature*, de 1996, corrigida e ampliada para a editora Gredos em 2006, ou a coordenada por Mario Valdés e Djelal Kadir em 2004, *Literary Cultures of Latin America*. A primeira dedica dois excelentes capítulos à literatura hispano-caribenha escrita nos Estados Unidos e à literatura chicana. A segunda articula uma história da heterogeneidade cultural na América Latina, valorizando o transnacional, mas os ensaios reunidos circulam sempre pelos centros hispânicos da Europa e dos Estados Unidos. Surpreendentemente, não encontraremos menção nesses projetos à diáspora hispânica no Canadá e sua produção literária. Observe-se também que Ana Pizarro,¹⁰ na proposta de áreas culturais para o estudo das produções culturais na América Latina, se refere a uma zona cultural transnacional e multilíngue que se configura com a emigração de cidadãos hispano-americanos para os Estados Unidos no século 20, sem alusões ao eixo hispano-canadense e sua produção literária.

¹⁰ PIZARRO. *El sur y los trópicos (ensayos de cultura latinoamericana)*.

Essa observação, longe de se constituir numa crítica a esses projetos, que considero extraordinariamente valiosos no campo da historiografia literária latino-americana contemporânea, situa-se como um ponto de partida que me permite articular meu trabalho às dinâmicas metodológicas que precisamente essas histórias literárias propõem. Concebidas a partir de um critério historiográfico alheio às totalizações, em diálogo aberto com o hipertextual e valorizando o translocal, elas me oferecem um horizonte para poder pensar uma realidade cultural e uma produção literária como a hispano-canadense.

As primeiras mostras do que hoje chamamos literatura hispano-canadense estão na comunidade de escritores espanhóis que chegaram ao Canadá depois da Guerra Civil. Esses primeiros emigrados criaram um ambiente literário de expressão hispânica em torno da revista *Boreal*, que publicou, entre 1965 e 1970, a obra de poetas espanhóis emigrados, incorporando, a partir de 1970, os textos de escritores latino-americanos que chegavam ao Canadá como exilados políticos dos regimes ditatoriais da época.

Hugh Hazelton¹¹ assinala que é essa segunda leva de escritores de língua espanhola que começa a dar corpo e consistência à literatura hispano-canadense. Esses emigrados, diferentemente dos primeiros, se estabelecem de maneira definitiva no país, constituem uma vida comunitária e publicam de forma periódica e estável em território canadense. Com eles, uma atividade editorial coerente começa a ganhar espaço nos anos 1970 e inícios dos 1980. Para citar somente alguns exemplos, é o momento em que começam aparecer os textos de escritores que hoje têm uma ampla e reconhecida obra como Pablo Urbanyi, Leandro Urbina ou Nela Rio.

Os conflitos políticos e econômicos da América Latina nas décadas subsequentes levaram novos emigrantes ao Canadá. Esses novos grupos não somente se localizaram nos tradicionais centros urbanos de Ottawa, Toronto ou Montreal, como começaram a se arraigar em pequenas comunidades universitárias como Calgary, Edmonton ou Winnipeg. É quando se generaliza a publicação de autores de língua espanhola, proliferam as pequenas editoras hispânicas e desponta o interesse editorial do âmbito anglófono e francófono pelas letras hispano-canadenses. Esse interesse editorial estará relacionado com um sistemático trabalho de tradução, o que não pode se perder de vista na hora de um balanço institucional da literatura hispano-canadense.

Nos últimos 15 anos a emigração de escritores para o Canadá se produz sob outras condições culturais e históricas. Já não é majoritária a experiência dos exílios forçados, nem dos retornos impossíveis à terra natal. Predomina agora um tipo de emigração eletiva (razões de trabalho ou de estudo, por exemplo), que cria comunidades afetivas de outra natureza, não exatamente associadas ao trauma e à violência política que foram dominantes nas décadas anteriores. O acelerado desenvolvimento da internet e de outros meios de comunicação, com suas novas subjetividades, novas experiências comunitárias e novas formas de imaginação, vão transformando a vivência diaspórica, e tudo isso resulta num escritor cosmopolita, de escritura bilíngue e às vezes trilingue; um intelectual permeável e de fronteiras difusas, que se declara cidadão do mundo,

¹¹ HAZELTON. *Latinocanáda*. A critical study of ten Latin American writers of Canada.

com fortes conexões com a sua terra de origem e, ao mesmo tempo, com o Canadá e os grandes centros editoriais do mundo.

Deve-se considerar também o surgimento de uma nova geração de escritores de origem hispano-americana nascidos no Canadá, ou que emigraram ainda crianças, como é o caso do romancista quebequense Mauricio Segura ou do dramaturgo de Vancouver Guillermo Verdecchia. Para esses escritores, o convívio de culturas não é conflituoso; se deleitam em sua condição anfíbia e nem sequer se fazem as perguntas identitárias de seus antecessores. A língua literária que elegem é o inglês ou o francês, mas são sujeitos bilíngues e biculturais, pois nasceram em lares hispânicos.

Essa superposição temporal de camadas geracionais provenientes de regiões tão diversas de América Latina – com vivências culturais específicas, formações estéticas particulares, seus próprios códigos e repertórios literários – dá ao sistema um perfil definitivamente heterogêneo. Não obstante, essa diversidade não afeta seu sentido de unidade. Diferentemente das literaturas de língua espanhola produzidas nos Estados Unidos, que se apresentam como unidades com certa autonomia institucional, reprodutoras de uma identidade nacional em deslocamento (as literaturas cubana, chicana ou porto-riquenha, por exemplo), os escritores hispano-canadenses se reconhecem como comunidade, e a institucionalização literária dessa produção se dá de uma maneira muito mais harmônica. Digamos que a heterogeneidade é assumida como traço identitário.

Um elemento que deve se notar, a propósito da constituição heterogênea do sistema hispano-canadense, é que este se produz em contato com outras comunidades emigradas no Canadá. De fato, essa literatura é parte de um grande sistema latino-canadense, ou seja, que tem relações com outras literaturas não hispânicas latino-americanas (brasileiros, caribenhos francófonos e anglófonos) e inclusive com grupos que nem sequer têm um tronco latino. Deve-se considerar também que o assentamento desses escritores se produz em uma terra com dois eixos culturais hegemônicos, o anglófono e o francófono, com os que permanentemente precisam negociar.

Na mesma direção, o idioma, tradicionalmente associado ao conceito de unidade de uma literatura, vem entrando também num rico processo de negociação cultural, considerando que a escrita em duas línguas começa a ser uma realidade para os escritores hispano-canadenses. Em alguns casos, esse processo assimilativo tem se transformado numa estética. Também aparece hoje uma escritura em inglês ou francês culturalmente imersa no universo hispânico, com a qual a historiografia literária terá que lidar de maneira mais diáfana.

Esse espectro apresentado aqui de maneira sucinta dará a medida da configuração desse sistema literário. Se, por um lado, razões de língua, de origem, de experiências próximas de emigração e diáspora, assim como afinidades estéticas evidentes entre os escritores que participam dessa práxis, dão perfil ao conjunto; por outro, não podemos minimizar o fato de que trabalhamos com um objeto instável e de natureza plural, que não se reduz a arquétipos tradicionais de identificação.

Apresentadas essas coordenadas diacrônicas, proponho uma maior atenção às poéticas e práticas de escrita dominantes na atual literatura hispano-canadense. É nesse ponto que penso no deslocamento como poética. Esse é um tema que desenvolvi com

alguma sistematicidade em ensaios anteriores e ainda hoje é um trabalho em processo, não somente meu, mas também de outros investigadores, como Hugh Hazelton,¹² Norman Cheadle,¹³ e Luis Torres.¹⁴

Nessa tentativa de sistematizar uma possível poética do deslocamento, distinguiria, particularmente, um traço que tem presença decisiva no *corpus* contemporâneo da literatura hispano-canadense: a articulação de uma cronotopia imaginária, na qual parecem se cruzar tempos e espaços profundamente ambíguos, sem limites precisos, nem referências imediatas na realidade sensível; em que se interceptam de maneira altamente imaginativa a terra matricial e a de acolhida; o passado e o presente; a lembrança e o esquecimento; uma cronotopia que ilustra a produtiva assimilação do móvel e do arraigado que há em toda experiência migrante, e que expressa também o inventivo da memória, entendida a memória como imagem em movimento.

Encontraremos assim textos que circulam pelos arquetípicos tópicos da viagem, do regresso, ou dos sonhos, através de imagens que restauram um paraíso perdido, em referência talvez mais imediata a uma origem; textos que legitimam tempos e espaços contemporâneos de trânsito, como aeroportos, chamadas telefônicas, salas *on-line* de redes sociais; e textos nos quais toda referência a uma origem é totalmente elidida. Nestes últimos ganham protagonismo os cronotopos do corpo e da própria escrita.

Na órbita de uma literatura centrada no motivo do retorno à terra natal, se desenvolvem as reescritas míticas da terra de origem ou a invenção utópica de cidades imaginárias. Assim, é possível ler um Plata mítico nos textos de Nela Rio ou uma selva ilusória no original romance *Silver* (1993), de Pablo Urbanyi.

A reinvenção da viagem como espaço habitável aparece na experiência poética de Yvonne Truque,¹⁵ em *Recorriendo la distancia/Franchir la distance*, em que o motivo de habitar a distância nos conecta com um sujeito assumidamente híbrido, protagonista de uma viagem transcultural, sem princípio nem fim, viagem em si mesmo.

O exame do regresso alcança voo poético em *El exilio y las ruinas* (2000) de Luis Torres, quando tematiza a volta à terra natal e as contraditórias maneiras de ser estrangeiro na própria terra, voltando à pergunta de todo emigrado: a que lugar realmente retornamos? Eloquente é o poema “Las preguntas”: “¿Encontrará su forma el cuerpo?/ ¿Será otra vez lo que ya fuera?/ Exiliado de sí mismo, cuerpo en ruinas,/ ¿entrará su cuerpo en otro cuerpo al volver?”¹⁶

Já por outros caminhos de exploração dessa cronotopia imaginária, toma consistência poética o tópico autorreflexivo do corpo, um corpo assumido como lugar de reconciliação e reconhecimento identitário; não como expulsão e exílio, no sentido que a tradição ocidental lhe conferiu. Uma referência significativa, nesse sentido, está no

¹² HAZELTON. *Latinocaná. A critical study of ten Latin American writers of Canada*.

¹³ CHEADLE. *Canadian cultural exchange: translation and transculturation/ Échanges culturels ou Canada: traduction et transculturation*.

¹⁴ TORRES. *Writings of the Latin-Canadian exile*.

¹⁵ TRUQUE. *Recorriendo la distancia/Franchir la distance*.

¹⁶ TORRES. *El exilio y las ruinas*, p. 61.

universo poético de uma escritora como Nela Rio. Os tópicos do corpo erótico, torturado ou mutilado, dão fundamento a um particular sistema metapoético e autorreflexivo em livros como *Túnel de proa verde* (1998) e *Cuerpo amado* (2002). O primeiro faz da tortura e do silêncio um manancial de criação poética, o segundo tematiza o caminho de se reconhecer e aprender a se amar num corpo novo, um corpo assimétrico e devastado pelo câncer, que se erige como troféu vitorioso e a partir do qual é possível dizer: “Miro mi cuerpo y admiro su valor/ me habito con orgullo.”¹⁷

Na mesma direção, a própria escrita como tema e matéria poética ocupa um lugar dominante nessa práxis literária. O escritor se inventa a si mesmo, habitando outras identidades literárias, através de travestismos, palimpsestos, reescritas. *Los espejos hacen preguntas* (1999), de Nela Rio, se apresenta, nesse contexto, como um excelente exercício de palimpsesto e travestismo literário. Desdobrando seu texto sobre a própria série literária e a própria tradição poética, a escritora toma, de maneira explícita, o lugar, as vestes e o discurso de Sor Leonor de Ovando, nossa primeira poeta das letras coloniais na América hispânica, desenvolvendo um livro especular, em que também assomarão ecos de Santa Teresa de Jesús ou San Juan de la Cruz, como se o jogo de reescrita revelasse a natureza palimpsestosa de todo ato escritural.

As narrativas autobiográficas, as autoficções, as metalepses de autor ganham espaço nessa práxis, fazendo visível um sujeito de múltiplos centros que transita livremente entre o mundo da vida e o mundo da ficção. Nessa órbita, é possível ler o romance *Cobro revertido* (1992), de Leandro Urbina, que deixa pistas reconhecíveis na própria biografia do escritor, ou *Las memorias de Baruni* (2009), umas falsas memórias de Urbina, que, escondido no anagrama de Baruni, explicita um documento que sabemos falso.

Imersa na prática da autorreflexividade, a própria língua se transforma, para alguns escritores, em um lugar instável e fluido, onde a negociação cultural faz seus mais evidentes efeitos. Há várias décadas, George Steiner, no seu célebre livro *Extraterritorial* (2002), cunhou o termo para se referir ao paradigma estético que se cria em condições de deslocamento linguístico. Steiner se referia a escritores plurilíngues que ao transitar por vários idiomas, ou ao abandonar o materno para escrever em outro, vão instaurando uma nova poética escritural. Nesse sentido, o extraterritorial pode ser lido não somente como realidade cultural e linguística, mas também como uma poética da criação. Contemporaneamente, Steven Kellamn¹⁸ estuda a imaginação translinguística em escritores que se movem por vários universos linguísticos e considera que essa posição entre línguas lhes permite desafiar os próprios limites da literatura, de maneira que criam uma literatura marcada pela mobilidade.

Assumida a extraterritorialidade e o translinguismo como poéticas, será frequente a legitimação estética do *spanGLISH* em escritores hispano-canadenses que, ponderando a poeticidade da linguagem, não fazem mais que expressar o deslocamento como realidade vivida que precisa ser discursivizada. É o caso do trabalho linguístico de contistas como David Rozoto e Marta Bátiz. Também há o caminho inverso do escritor

¹⁷ RIO. *Cuerpo amado*, p. 102.

¹⁸ KELLAMN. *The translingual imagination*.

quebequense de origem chilena Mauricio Seguro. Seu bem-sucedido romance *Cotê-des-nègres* (1998), espécie de lenda urbana sobre as gangues de Montreal, faz do espanhol e do *creole* dois universos linguísticos que deslizam sobre o francês quebequense.

Em todos esses cronotopos fictícios, profundamente marcados pelas dinâmicas da mobilidade e da fixação, do apagamento e da memória, da presença e da ausência, é possível ler uma nova imaginação, uma imaginação em movimento, eloquentemente representativa das identidades transculturais do nosso tempo.

Partindo dessa realidade cultural e sua práxis criadora, me pergunto então: como desenvolver um projeto de historiografia literária que sistematize esse *corpus*, com suas estratégias de deslocamento, no processo da literatura hispano-americana contemporânea? Essa é sem dúvida uma tarefa de grande alento, difícil de responder nos limites deste texto; somente me arrisco a deixar apontados três eixos que me parecem imprescindíveis:

- A conveniência de uma história literária comparada que privilegie o translocal, como plataforma para desenvolver de maneira produtiva e crítica o estudo das relações transversais entre o local, o regional, o nacional e o mundial na hora de focar processos literários, partindo, sobretudo, da assunção do caráter conflitivo dessas noções.

- A necessidade de pensar os processos literários a partir de uma concepção sistêmica da literatura, entendendo-os como sistemas dinâmicos, no sentido que o propõe Itamar Even-Zohar.¹⁹ Por esse caminho voltamos a Cornejo Polar e sua ideia de que não temos uma literatura, mas verdadeiros sistemas literários, com sujeitos, espaços e tempos distintos que se infiltram em diversas instâncias de nossos processos socioculturais.

- A importância de privilegiar a interliterariedade quando pensamos as literaturas das Américas, considerando que a proposta de processo interliterário se baseia no reconhecimento da impossibilidade de compreender as literaturas como territórios monológicos, e sim como entidades em constante fluidez e comunicação. A realidade histórica, cultural, geográfica e social do continente americano reclama esse olhar.

E, neste ponto de fechamento, volto a Ana Pizarro quando reflete:

Estamos vivendo nas últimas décadas deste século novos processos migratórios (...) Esta nova situação social desenha também novos problemas ao historiador da cultura e da literatura. Trata-se de um fenômeno que já está tendo suas expressões estéticas, está ocorrendo em formas e estruturas da criação. Desse imaginário social aparecem as primeiras textualizações, as primeiras sintaxes em imagens fílmicas. Abre-se com eles um novo centro de gravitação de energias culturais no qual haverá novos cruzamentos, outras formas de ocultação, tensões que apelarão à memória da migração que tem feito da nossa cultura o que é, e que abrirá a novas problematizações.²⁰

Precisamos estudar essas realidades culturais, elas estão aí, elas reconfiguram nossas propostas historiográficas, nossas cartografias literárias, nossa própria ideia de América.



¹⁹ EVEN-ZOHAR. Factores y dependencias en la cultura. Una revisión de la teoría de los polisistemas.

²⁰ PIZARRO. *El sur y los trópicos (ensayos de cultura latinoamericana)*, p. 79. Tradução do trecho da minha autoria (EPG), somente para efeitos deste ensaio.

RESUMEN

Pensar una historiografía literaria a partir de los paradigmas de área cultural, formación cultural e inter-sistema literario, en sustitución de las tradicionales nociones de territorio, nación y lengua nacional, implica un desafío de la mayor envergadura, particularmente si consideramos la literatura producida en un espacio complejo y multicultural como el de las Américas. Quebrando las fronteras tradicionalmente impuestas entre nuestras literaturas y proponiendo otros posibles mapas para visualizar los procesos literarios en la región, sistematizo algunas bases metodológicas para el estudio de las literaturas de lengua española que hoy se producen en ambientes no hispánicos de las Américas. Específicamente me intereso en estudiar la literatura hispano-canadiense, un sistema literario que se fue configurando a partir de los procesos migratorios que caracterizan nuestra modernidad. Las nociones de translocalidad, extraterritorialidad, interliterariedad y el propio desplazamiento como metodología de trabajo historiográfico, son algunas de las directrices que propongo para una caracterización del sistema literario hispano-canadiense, sus poéticas y su historia.

PALABRAS-CLAVES

Desplazamiento cultural, procesos literarios,
literatura hispano-canadiense

REFERÊNCIAS

- BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997.
- CHEADLE Norman; PELLETIER, Lucien. *Canadian cultural exchange: translation and transculturation/ Échanges culturels ou Canada: traduction et transculturation*. Waterloo: Laurier University Press, 2007.
- CLIFFORD, James. *Dilemas de la cultura*. Antropología, literatura y arte en la perspectiva posmoderna. Barcelona: Gedisa, 1995.
- CLIFFORD, James. *Itinerarios transculturales*. Barcelona: Gedisa, 1999.
- CORNEJO POLAR, Antonio. *Escribir en el aire*. Ensayo sobre la heterogeneidad cultural en las literaturas andinas. Lima: Editorial Horizonte, 1997.
- CORNEJO POLAR, Antonio. Sistemas y sujetos en la historia literaria latinoamericana, *Casa de las Américas*. La Habana: Casa de las Américas. Año XXIX, n. 17, p. 67-71, 1988.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Factores y dependencias en la cultura. Una revisión de la teoría de los polisistemas. In: IGLESIAS SANTOS, M. (Org.). *Teoría de los polisistemas*. Madrid: Arco, 1999. p. 23-52.

- GONZALEZ ECHEVARRÍA, Roberto; PUPO WALKER, Enrique. *Historia de la literatura hispanoamericana*. Madrid: Gredos, 2006.
- HAZELTON, Hugh. *Latinocanáda. A critical study of ten Latin American writers of Canada*. Montreal & Kinston: McGill-Queen's, 2007.
- KELLMAN, Steven. *The translingual imagination*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2000.
- PALMERO, Elena. Deslocamento. In: Zilá Bernd (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 109-127.
- PALMERO, Elena. Palimpsesto y travestismo literario en los diálogos poéticos de Nela Rio. In: IZQUIERDO Eduardo Ramos; EZQUERRO, Milagros (Org.). *Reescrituras y transgenericidades*. Paris: Rilma 2 et Adehl, 2010. p. 75-82.
- PALMERO, Elena. Espaços da imaginação migrante na literatura hispano-canadense: uma topologia imaginada no universo criativo de Nela Rio. In: CARRIZO, Silvina; NORONHA, Jovita. (Org.). *Relações literárias interamericanas: territorio & cultura*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010. p. 181-196.
- PALMERO, Elena. A literatura hispano-canadense: novas geografias culturais, novas histórias da literatura na América Latina. In: ANAIS DO III COLÓQUIO SUL DE LITERATURA COMPARADA, *Anais...* Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010.
- PALMERO, Elena. Lecturas en abismo de un diálogo poético. In: SANTOS, Ana Cristina dos; PAIVA, Dayala; BARRETO, Talita (Org.). *Hispanismo 2006*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. v. III. p. 552-558.
- PEREZ FIRMAT, Gustavo. *Trascender el exilio*. Memorias recobradas. Santa Clara: Capiro, 2000.
- PIZARRO, Ana. *La literatura latinoamericana como proceso*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.
- PIZARRO, Ana. *El sur y los trópicos (ensayos de cultura latinoamericana)*. Pról. de José Carlos Rovira. Cuadernos de América Sin Nombre, Alicante, 2004.
- RIO, Nela. *Túnel de proa verde/ Tunnel of the green prow*. Trad. Hugh Hazelton. Fredericton: Broken Jaw Ed., 1998.
- RIO, Nela. *Los espejos hacen preguntas/The Mirrors Ask Questions*. Trad. Elizabeth Gamble Miller. Fredericton: Edição para Colecionistas/Gold Leaf Press, 1999.
- RIO, Nela. *Cuerpo amado/Beloved Body*. Trad. Hugh Hazelton. Fredericton: Broken Jaw Ed., 2002.
- SEGURA Mauricio. *Côte-des-Nègres*. Montréal: Éditions du Boréal, 1998.
- STEINER, George. *Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TORRES, Luis. *El exilio y las ruinas*. Santiago: RIL Editores, 2002a.
- TORRES, Luis. Writings of the Latin-Canadian exile. *Revista Canadiense de Estudios Hispánicos*, v. 26.1-2, otoño 2001-invierno 2002b.
- TRUQUE, Yvonne. *Recorriendo la distancia/Franchir la distance*. Trad. Jean Pierre Pelletier. Montreal: Adage/Enana Blanca, 2008.

- URBANYI, Pablo. *Silver*. Trad. Hugh Hazelton. Ottawa: Cormorant Books, 2011.
- URBINA, José Leandro. *Cobro revertido*. Santiago: Planeta, 1992
- URBINA, José Leandro *Las memorias de Baruni*. Santiago: Ed La Calabaza del Diablo, 2009.
- VALDÉS, Mario. *Literary cultures of Latin America. A comparative history*. Djelal Kadir (Ed.). New York/Oxford: Oxford University Press, 2004. 3 v.